

PSICOLOGIA, RELIGIÃO E UNIVERSIDADE: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES QUANTO À SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DA REGIÃO DO CARIRI.

Daniel Peixoto de Sousa
Alex Figueiredo da Nóbrega

RESUMO

A relação entre religião e universidade se constitui enquanto uma nuance instável e pouco discutida no que tange à saúde mental dos estudantes, tendo em vista inclusive a religião enquanto inerente ao brasileiro, seja de forma direta ou indireta. Diante disso, a presente pesquisa se propõe a identificar o nível de saúde mental de acadêmicos relacionando ao viés religioso, elevando a compreensão acerca dos processos de coping, bem como ressaltando o reconhecimento do bem-estar proporcionado por tal relação. Dessa forma, foi desenvolvido um estudo de campo, com 105 universitários de uma instituição privada de ensino superior através de três questionários, atravessando questões sociodemográficas, contemplando aspectos globais da saúde mental, bem como imergindo às questões da religiosidade dos entrevistados. Os dados foram coletados de forma online, através da plataforma ZohoForms, e analisados a partir de ferramentas como o Microsoft Excel e o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS V.20), a partir dos quais foram realizadas estatísticas descritivas e inferenciais. Observou-se uma associação entre transtornos mentais comuns e as variáveis sexo/gênero, faixa etária e percepção de apoio familiar. Quanto às atitudes religiosas, houve associações significativas com as variáveis orientação sexual, religião e conflito entre as discussões no curso e suas crenças. Por fim, verificou-se que quanto mais positivas as atitudes religiosas, menores as prevalências de transtornos mentais comuns.

PALAVRAS-CHAVE: Religião, Espiritualidade, Saúde Mental, Psicologia.

ABSTRACT

The relation between religion and university constitutes as an unstable and limited discussion about the students mental health, with a view to the religion while inherent to the Brazilian, either directly or indirectly. In view of this, the present research proposes to identify the level of mental health of academics relating to religious bias, increasing the understanding of the coping processes, as well as emphasizing the recognition of the well-being provided by such a relationship. Apart from, with the objective of explore this relation, a field study was developed with data collected by 105 university students of an a private institution, through three questionnaires, cross questions about sociodemographic issues, addressing global aspects of mental health, as well as immersing themselves to the issues of their religiosity. The data was collected throught the ZohoForm platform and analyzed from online tools as Microsoft Excel, promoted from the software Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS V.20), from which descriptive and inferential statistics were performed. An association was observed between common mental disorders and the variables sex/gender, age group and perception of family support. As for religious attitudes, there were significant associations with the variables sexual orientation, religion and conflict between course

discussions and their beliefs. Finally, it was found that the more positive the religious attitudes, the lower the prevalence of common mental disorders.

KEYWORDS: Religion, Spirituality, Mental Health, Psychology

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o viés humano enquanto necessitante de sentido, assim como visto em Frankl (2017), ao ressaltar a busca de sentido enquanto promotora de movimento existencial, é possível fazer um paralelo quanto à ausência desses valores, uma vez que, o vazio existencial, tal como é nomeado esse local de falta, promove espaço para o desenvolvimento de diversas patologias. Dessa forma, Aquino (2009) corrobora ao destacar vieses que podem fomentar esse sentido e preencher o vazio, tais como ciência, artes, música e a religião, sendo essa última, palco de uma maior ênfase na presente discussão.

Primeiramente, é imprescindível salientar a questão da relação religiosidade, espiritualidade e suas influências na psique humana. Por esse viés, Koenig (2012) imerge nesse quesito ao adentrar a pesquisas e estudos associando saúde, espiritualidade e religião, ressaltando uma relação em sua grande maioria, positiva, proporcionando maior enfrentamento das adversidades, assim como um maior bem-estar geral, o que diverge de diversas nuances proferidas por debates acerca da mesma temática no século XIX, em que a mesma era utilizada como um tratamento moral quando associado à questão psiquiátrica em hospitais. Não obstante a isso, Hefti (2019) traz à tona que, embora em menor quantidade mensurável, essa relação pode acarretar em experiências negativas no que tange à saúde mental, corroborando com a gravidade de quadros como ansiedade, ideação suicida e depressão.

Dessa forma, diante da pouca imersão da temática da espiritualidade mediante à saúde do universitário, urge a necessidade de uma elevada atenção às nuances mentais, mediante ao ensino, avaliações e afins, assim como visto por Raimundo (2021). É importante a compreensão de que tal temática está inserida na instituição, mesmo que de maneira implícita, através da forma com a qual as relações se constituem. Ademais, Moraes e Assis (2013) corroboram com tal pressuposto na medida em que ressaltam a espiritualidade enquanto atitudes morais, seja a partir de gestos amorosos, gentis e éticos.

O Brasil, assim como visto em Freitas (2017), ainda carece de pesquisas que constituam uma ponte entre tais campos aparentemente tão distintos, contribuindo para o estabelecimento, bem como o desenvolvimento de estigmas no que tange a essa

associação, o autor ainda salienta que no país há uma notória atribuição de sinônimos entre os termos “religião” e “espiritualidade”, relação essa que será melhor explorada no tópico da fundamentação a seguir.

Diante das nuances relativas ao processo de vivência da espiritualidade, entende-se o viés universitário enquanto uma relação que vá fomentar possibilidades de um novo tipo de contato com o dogma, seja de maneira direta ou indireta, além da possibilidade de enfrentamento de adversidades, assim como visto pelo coping, termo que será amplamente explorado ao longo da discussão. Dessa forma, espera-se encontrar uma convergência quanto aos escores mais elevados de saúde mental quando associados a uma boa relação com a religiosidade.

Sendo assim, a presente pesquisa busca identificar a possível relação existente entre as expressões de religiosidade e o nível de saúde mental de estudantes universitários. Para isso, será necessário (a) compreender a dimensão da experiência religiosa, bem como a influência da mesma na concepção de mundo do sujeito; (b) identificar de que maneira a religiosidade se constitui enquanto um apoio à saúde mental e; (c) verificar as possibilidades de abertura a tal temática, seja na instituição, ou mediante ao próprio indivíduo, bem como a forma com que o mesmo a percebe.

2 AS NUANCES DO VIÉS RELIGIOSO

2.1 RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

A religião, segundo Thiengo (2019), surge enquanto um sistema organizado de crenças, símbolos, leis e rituais que propiciam com maior facilidade, o contato do indivíduo com o sagrado. Todavia, Pinsky (2017) ressalta que a mesma se constitui enquanto extremamente variável mediante ao contexto histórico e cultural ao qual está inserida. Além disso, Valle (2005) corrobora com tal questão ao discorrer acerca das religiões enquanto criações culturais, as quais influenciam nas mais diversas nuances dos seres dotados de consciência, urgindo assim o termo *Homo Religiosus*, ressaltando toda a experiência enquanto vigente única ao ser Absoluto.

Outrossim, de acordo com Valle (2005) a religiosidade se constitui justamente enquanto a adesão que os indivíduos vão apresentar mediante às crenças advindas de determinada instituição religiosa, bem como o grau de influência que tal relação apresenta em sua vivência. Dessa forma, compreende-se enquanto uma resposta ao aprendizado mediante ao contexto social, dentro de valores, normas, crenças, ritos e afins.

Ademais, a espiritualidade, com base em Thiengo (2019) parte para um viés

mais amplo, com ênfase no que tange ao subjetivo, uma vez que se constitui enquanto busca e reflexão da relação com esse sagrado, estando ligadas ou não a uma religião. Ampliando tal debate, Viktor Frankl (2017) trás a compreensão de homem mediante às dimensões: psicológica, física e enológica, entendendo essa última enquanto espiritual, muito mais por um viés antropológico e imaterial, a partir da relação com instancias que não estão presas ao físico, promovendo uma possibilidade de vir a ser. Ainda sob ótica do psiquiatra, tal dimensão atravessa um viés incorruptível ao qual patologia alguma tem domínio, nesse sentido, a ideia de “Deus” passa a ter uma concepção de energia iminente que vem a tona quando as demais já se esvaíram.

Portanto, mediante ao explicitado, imerge-se à compreensão das nuances entre o campo organizacional e ideológico da religião e o experiencial e afetivo da espiritualidade, por esse viés, Rican (2003) salienta a espiritualidade enquanto espontaneidade, na medida em que conota um viés criativo de liberdade de busca e experimentação religiosa individual.

2.2 AS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E SUAS INFLUÊNCIAS NA CONCEPÇÃO DE MUNDO DO SUJEITO.

Guedes (2012), ao elencar o contato com o espiritual, salienta que ao contrário do iminente fim da religião declarado pela pós-modernidade, a mesma vem diversificando suas práticas, uma vez que se constitui enquanto pluralidade de funções, justamente por ocupar um patamar de excedente de sentido, bem como sua capacidade de agregação e identificação. Dessa forma, tem-se a religião enquanto produtora de significado, questão essa que passa a ser intelinizada em valores conscientes e inconscientes do indivíduo.

Ademais, Moraes e Assis (2013) salientam a espiritualidade enquanto atitudes morais que influenciam o sujeito em diversas nuances de sua vida, seja através de ações generosas em direção a si próprio ou aos outros, solidariedade, compaixão e afins. Os autores, adentram ao ponto educacional, na medida em que salientam o papel do professor enquanto influência em direção a tais atitudes. Aqui se entende não necessariamente como um retorno a um dogma em específico, e sim ao resgate da espiritualidade, que por ventura, está inserida mesmo que de maneira implícita nas relações.

2.3 A IMPORTANCIA DA ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE NA SAÚDE

MENTAL

A religião, assim como visto em Monteiro (2020) se constitui enquanto um processo dinâmico, ressaltando o constante movimento do homem em busca de sentido na medida em que atribui um viés sagrado a essa busca. Dessa forma, a relação com o divino pode vir a fornecer um suporte capaz de auxiliar no enfrentamento de agentes e situações estressores, perdas e tragédias, todavia, não se prende exclusivamente a um viés mais negativo da condição humana, uma vez que a mesma pode assumir papéis de significado nos mais diversos âmbitos, sejam através de celebrações, festividades ou mesmo na forma com que os indivíduos se relacionam entre si. Pargament (2010) corrobora com o explicitado na medida em que discorre acerca de práticas voltadas ao sagrado, como a leitura de livros religiosos, orações, ritos e a meditação como formas de nortear a prática de boas ações. Todavia, tais relações podem abarcar um viés maléfico, principalmente quando norteadas por instituições, uma vez que, tendo em vista o papel doutrinário imposto, tais questões podem ou não condizer com os valores dos indivíduos que as frequentam.

Pargament (1998) imerge à concepção de coping religioso enquanto o uso da fé, espiritualidade ou religião no enfrentamento de situações aversivas ao longo da vida, encorajando a tomada de decisões, bem como fortalecendo o indivíduo. Ainda sob ótica do autor, o coping pode ser entendido por um viés positivo, que promova o contato com o sagrado de maneira saudável, confortável e negativo, ressaltando uma culpabilização do sujeito na medida em que salienta mais situações de estresse.

Moreira- Almeida, Lofuto e Koenig (2006) salientam que a religião pode tanto fomentar o indivíduo a buscar suporte para além da instituição, quanto a dificultar o acesso a processos psicoterapêuticos e medicamentosos, ademais, os autores, defendem a incidência de abuso espiritual, ou seja, a alienação a um viés dominante como estando relacionada a vulnerabilidades como baixa escolarização e pobreza. Todavia, Pargament (2010) defende que mesmo a partir dos muitos estudos que ressaltando os vieses negativos e estereotipantes da relação com a religião, a maioria se concentra nos efeitos úteis do coping religioso na mensuração da saúde mental e do bem-estar. Portanto, tal relação pode fomentar boas relações com adversidades, sejam perdas, situações estressantes ou mesmo nas relações com outros indivíduos, na mesma medida em que pode proporcionar culpa, ansiedade, depressão a depender da relação.

3 METODOLOGIA

Atravessando o viés metodológico, o estudo vigente trata-se de uma pesquisa empírica, de natureza básica, do tipo exploratória quanto aos objetivos mais amplos, com coleta e análise de dados de forma quantitativa.

3.1 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 105 estudantes de psicologia de instituições de ensino superior do interior do Ceará, sendo a maioria composta por mulheres (75,2%), com idade entre 21 e 25 anos (43,8% - média = 24 anos, desvio padrão = 7 anos, variando entre 18 e 55 anos). O período do curso em que se encontram está distribuído da seguinte forma: início do curso (1º ao 3º semestre) – 30,5%, metade do curso (4º ao 7º semestre) – 21,9% e final do curso (8º ao 10º semestre) – 47,6%. O questionário sociodemográfico abordou também sobre a sexualidade e a religião dos participantes, tendo a maioria se declarado heterossexual (70,5%), seguida de bissexuais (14,3%), sendo 46,7% de católicos, 9,5% de evangélicos (pentecostais e neopentecostais), 30% sem religião alguma e 13,3% ligados a outras religiões. Quase 90% da amostra se encontra em uma faixa de renda de até cinco salários mínimos.

3.2 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram: (1) Questionário sociodemográfico, elaborado pelo próprio autor, no qual constam informações relativas à idade, sexo, religião, renda etc.; (2) *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20), composto por 20 itens dicotômicos (sim / não), que avalia sintomas de ansiedade, sintomas de depressão e sintomas físicos (somatoformes), sendo utilizado na presente pesquisa a versão adaptada ao contexto brasileiro, conforme visto em Gonçalves (2008); (3) Escala de Atitudes Religiosas, desenvolvida por Aquino (2009), que avalia a religião enquanto estratégia de enfrentamento, além de se constituir enquanto um fator de proteção existencial frente ao vazio existencial. O instrumento utiliza uma escala de cinco pontos, variando entre 1 (Nunca) e 5 (Sempre), considerando um fator único, a partir dos componentes atitudinais distribuídos ao longo do questionário, a saber, os afetivos, os cognitivos e os comportamentais.

3.3 PROCEDIMENTO E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa, atendendo a

resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, fomentando o regulamento acerca do envolvimento humano em pesquisas, sob o protocolo 64389422.7.0000.5048.

Tendo em vista a utilização de recursos online, os questionários destinados à pesquisa foram disponibilizados na plataforma *ZohoForms*, ademais, as instruções, bem como o *link* para o preenchimento dos mesmos foram em grupos de *whatsapp* de estudantes de psicologia de diversas instituições. Para terem acesso às questões, os participantes precisavam concordar com os termos apresentados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), podendo abandonar a pesquisa a qualquer momento e sendo garantido o sigilo das informações.

A análise de dados foi realizada através da extração do arquivo *.csv*, gerado pela plataforma *ZohoForms*, em seguida os dados foram carregados no software Microsoft Excel 2016, e, por fim, exportados para o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS v.20), através do qual foram realizadas estatísticas descritivas e inferenciais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira parte do instrumento, foi questionado aos participantes sobre o grau de satisfação com as suas relações interpessoais no curso. Os dados mostraram que 27,6% dos participantes relataram pouca ou nenhuma satisfação, enquanto 72,4% apresentam boa ou muita satisfação.

Quando elencado ao questionamento da percepção de apoio familiar, 23,8% dos participantes relatam pouco ou nenhum suporte familiar, em consoante aos 76,2% que relatam possuir muito ou total apoio familiar.

Em relação ao conflito entre as discussões advindas do curso e as crenças pessoais, 32,4% relatam uma ausência de divergências, enquanto 52,4% as temáticas conflitam pouco ou razoavelmente, e em 15,2% há a presença de muito ou total embate.

4.1 TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS

No que diz respeito resultados obtidos a partir do SRQ-20, observou-se uma prevalência de 68,6% de sintomas sugestivos para Transtornos Mentais Comuns (TMC) na amostra geral.

Ao verificar a associação da prevalência de TMC com as variáveis investigadas

na parte I do instrumento, observou-se uma diferença significativa nas variáveis sexo/gênero, faixa etária e percepção de apoio familiar.

O grupo das mulheres apresentou maior prevalência em relação aos homens (74,7% contra 48,0%). Maiores prevalências também foram observadas entre os participantes mais jovens, sendo 72,7% entre aqueles com 18 e 20 anos e 78,3% entre aqueles com 21 a 25 anos. Enquanto isso, entre os participantes mais velhos (acima de 25 anos), foi registrada uma prevalência de 46,2% de sintomas sugestivos para TMC.

Outro resultado que apresentou associação significativa foi a prevalência de TMC e a percepção de apoio familiar. Ou seja, entre aqueles que percebem um menor apoio familiar foi identificado uma prevalência muito elevada de TMC (92%) em relação aos que percebem um maior suporte (61,3%).

Destartes, a temática envolvendo saúde mental urge enquanto um tema de complexa definição, uma vez que não se constituem parâmetros específicos acerca da mesma. Ademais, a própria Organização Mundial da Saúde (2002) corrobora com o enunciado, ampliando a visão ao elencar quesitos que se aproximam de um conceito mais assertivo de saúde mental, tais como equilíbrio emocional, bem estar subjetivo, ausência de transtornos mentais, além de uma resiliência psicológica, assumindo inclusive o aspecto espiritual no que tange à saúde, tendo em vista que o mesmo proporciona um maior contato com o viés subjetivo do indivíduo, fornecendo possibilidades de mudanças diante da realidade.

Por esse viés, Marques (2003) defende a idéia do homem enquanto um ser biopsicossocioespiritual, ressaltando a importância do viés espiritual frente às dimensões da vida.

4.2 ATITUDES RELIGIOSAS

A priori, urge a necessidade de uma imersão ao conceito de atitudes religiosas, dessa forma, Rodrigues (2001) defende que as mesmas se tratam de organizações de crenças dotadas de ações, afetos, sentimentos e cognições voltadas a um objeto. É atravessar, segundo Michener (2005) um viés tanto intrusivo, de pensamentos e crenças voltadas a algo ou alguém, bem como o afeto derivado desse processo e a consequente influencia no corpotamento a posteriori.

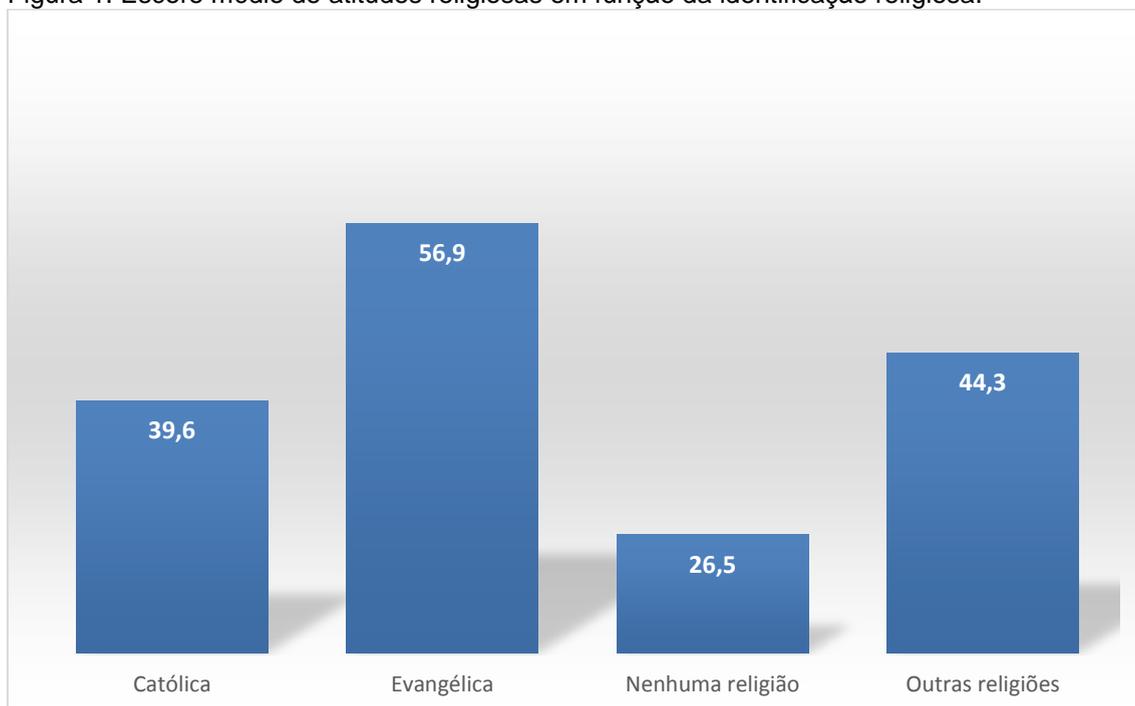
O escore médio de atitudes religiosas identificado na amostra foi de 37,9 pontos (em uma escala que pode variar entre 15 e 75 pontos). Verificou-se associações estatisticamente significativas com as variáveis orientação sexual, religião e conflito

entre as discussões do curso e suas crenças.

O grupo acima de 25 anos apresentou atitudes religiosas mais positivas (43,1%) quando comparado aos demais grupos, sendo 18 a 20 anos (35,5%) e 21 a 25 anos (36,7%). Tais dados corroboram com Esperandio (2019) na medida em que defende a espiritualidade/religiosidade enquanto um recurso de enfrentamento às adversidades condizentes ao curso da vida, seja por conta dos declínios na saúde, isolamento, tratamentos, mudanças, aposentadorias, questões familiares, perdas iminentes e consequentes vulnerabilidades, questões que promovem o olhar à finitude da vida.

Outrossim, Zimmerman (2000) corrobora com tais questões na medida em que propõe o processo de envelhecimento como convergência às transformações irreversíveis, promovendo o luto à perda para além da exclusivamente voltada à esfera social, é se perder dentro de si. E assim como qualquer processo de luto, o teor do enfrentamento urge como forma de promover crescimento, o que corrobora com Frankl (2005) ao elencar o sentido do sofrimento, tendo em vista que tais estratégias, podem se constituir enquanto elementos impulsionadores do crescimento, amadurecimento e à realização pessoal, o que inclusive converge com a presente pesquisa, uma vez que o próprio grupo em questão apresentou escores mais baixos de TMC quando associados a uma maior ligação com as atitudes religiosas.

Figura 1. Escore médio de atitudes religiosas em função da identificação religiosa.

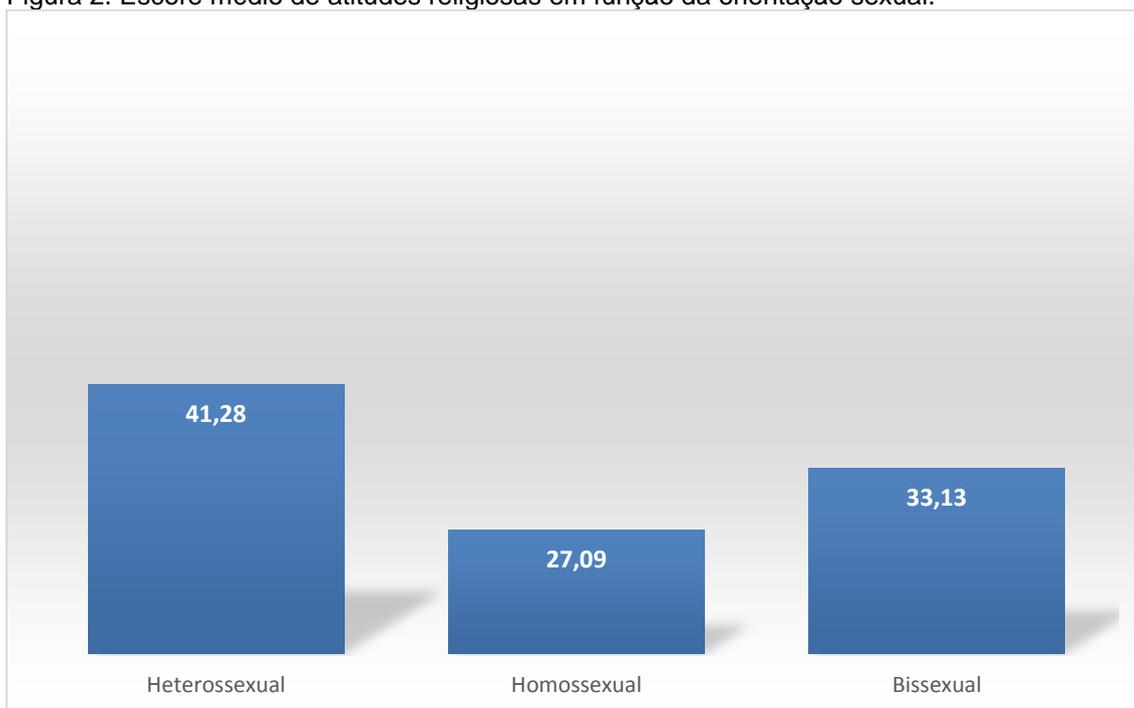


Além disso, o grupo evangélico, apesar de elencar a menor porcentagem da amostra (9,5%) obteve a maior pontuação dentre as demais religiões no que tange às atitudes religiosas (56,9%), sendo a católica (39,6%), “outras religiões” obtiveram um

escore de (44,3%) enquanto o t3pico nenhuma religi3o abarcou 26,5%. Imergindo a tal debate, 3 fundamental a compreens3o de que o processo de santifica3o inerente 3 teologia protestante visa 3 aproxima3o de Deus, n3o garantindo necessariamente a salva3o, todavia, Matos (2006) urge ao salientar a diferen3a que rege a l3gica pentecostal, uma vez que a salva3o passa agora a se ligar 3 a3oes mundanas, bem como o processo de purifica3o das mesmas, dessa forma, explicando a tendencia de um conservadorismo moral que paira sob tais correntes.

Machado (2012) salienta que o vi3s evang3lico se pluraliza a partir de institui3oes, fieis e templos, salientando diferen3as entre as pr3ticas, organiza3oes e cren3as que cada divis3o ir3 adotar, dessa forma urge a possibilidade de conflito quanto dentre os pr3prios fieis quanto aos valores adotados por cada institui3o. Todavia, a uni3o em prol 3 Biblia, bem como a f3 em Cristo quando vivenciadas de forma genu3na a partir dos valores do pr3prio indiv3duo, se constituem enquanto um sentido na rela3o com o mundo, facilitando a pr3pria rela3o com a exist3ncia na medida em que contorna o desespero da aus3ncia do mesmo.

Figura 2. Escore m3dio de atitudes religiosas em fun3o da orienta3o sexual.



Quanto 3 orienta3o sexual, observou-se que os heterossexuais apresentam maiores escores frente 3 atitudes religiosas (41,3%), seguido pelos bissexuais (33,1%) e homossexuais (27,1%). Assim, para adentrar a tais tem3ticas, 3 importante investigar brevemente a no3o de homossexual enquanto doen3a, tal vi3s faz urgir a ut3pica ideia de uma orienta3o male3vel, sendo a mesma muito atribu3da a fatores de cura a fim da heteronormatividade. Somente em 1999 que o Conselho Federal de Psicologia se

pronuncia quanto às práticas de cura, passando a proibir a psicoterapia em prol de tal processo (Resolução CFP n °001/99). Todavia, o estigma alienante se manteve ativo a partir de manutenções de discursos, assim como visto em Ribeiro (2017) ao imergir frente ao cenário político brasileiro e a famigerada proposta de “cura gay” advinda do projeto PDC 234/2011, reconhecendo a mesma enquanto uma patologia que poderia ser tratada por psicólogos.

Na medida em que instituições religiosas aceitam a prática homossexual como algo inerente ao humano, muitas a condenam, assumindo a mesma enquanto um viés pecaminoso, inclusive reproduzindo o discurso de cura ou controle dos desejos. Ademais, Paiva (2008) discorre acerca da possibilidade de aceitação da orientação, ou do bloqueio da mesma, em prol da famigerada cura, ressaltando a ênfase do viés heteronormativo. Tal embate entra em convergência com Mesquita (2016) ao elencar as normatizações das expressões de sexualidade que podem ou não serem seguidos por seus adeptos, não obstante, urge o discurso hierarquizante e que por muito desqualifica o que foge ao padrão.

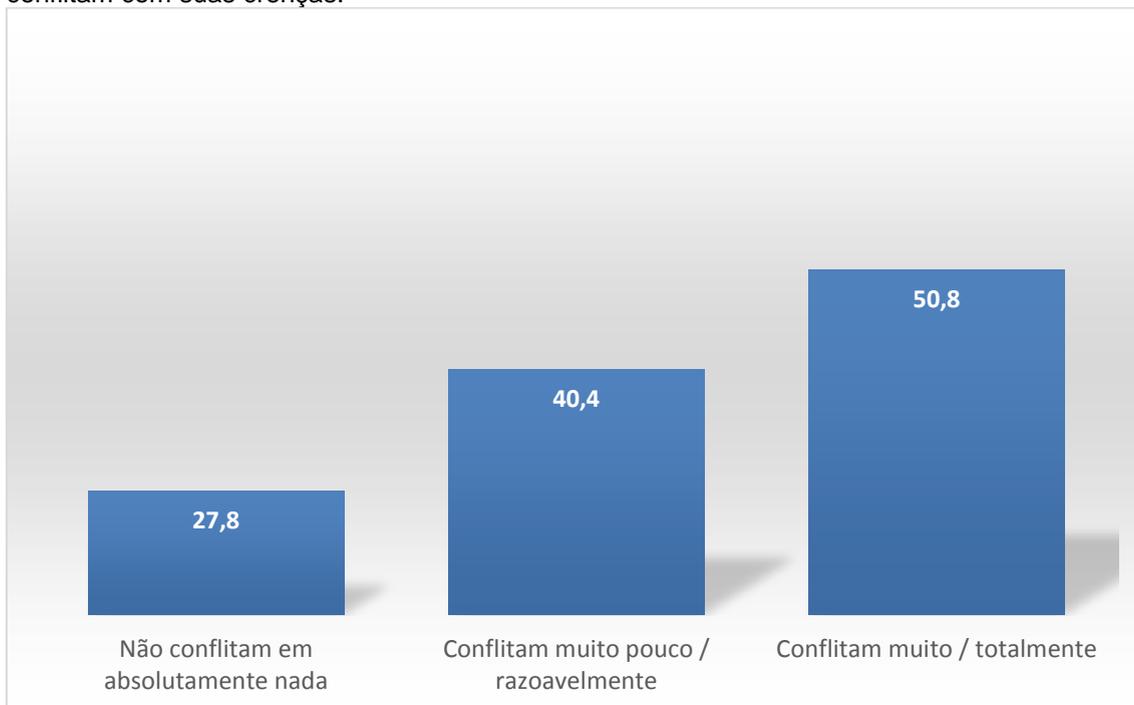
Todavia, tanto a instituição, como os seus membros não devem ser vistos unicamente por um viés passivo, uma vez que muitas das condutas não são seguidas de maneira rigorosa por seus membros. Atribuir um teor de ausência reflexiva é promover uma estagnação, é negar todo o contexto histórico-cultural de mudanças que ocorreram e que ainda estão a ocorrer, é antes de tudo, afastar o humano do processo de busca de sentido.

Outrossim, há uma maior aproximação às atitudes religiosas quando condizente ao público que recebe até um salário mínimo (42,1%), sendo a renda familiar entre 1 a 2 salários apresentando 35,9%, 2 e 5 salários 37,1% e acima de 5 salários 37,8%. Alves (2010) adentra a tais questões na medida em que explora as nuances da pobreza, a autora postula a possibilidade da causalidade social como uma relação entre níveis socioeconômicos e maiores adversidades, ou seja, ressaltando um maior risco aos enfermos mentais, na medida em que diverge do conceito de pobreza como única e exclusivamente voltada à renda, é também uma ausência de meios sociais, educacionais e econômicos.

Ademais, situações de vulnerabilidade proporcionam um olhar à finitude, inclusive no que tange ao enfrentamento das adversidades, dessa forma, a questão da religiosidade/espiritualidade urge enquanto coping frente ao desamparo. Além disso, tais contextos de opressão alimentam o surgimento de movimentos, tais como a teologia da libertação, que de acordo com Ferraro (2007) visa interpretar os ensinamentos de Jesus

Cristo frente às injustiças e dominações, na medida em que promove uma praxis libertadora, entendendo os movimentos sociais enquanto uma nova vivência da fé, Sung (2021) amplia tal debate ao elencar que tal prática não se detem exclusivamente ao cristianismo, tendo em vista que influenciara outros membros de religiões não cristãs, além receber influência dos mesmos.

Figura 3. Escore médio de atitudes religiosas conforme o quanto os conteúdos do curso conflitam com suas crenças.



No tocante aos conflitos de crenças subjetivas e às temáticas trabalhadas no curso, os dados demonstram que quanto maior o nível de conflito, maiores vão ser os escores em atitudes religiosas, o tópico “conflitam muito/totalmente” apresentou uma pontuação de 50,8%, enquanto um embate mais razoável 40,4%, e a ausência de divergencia 27,8%. É possível fazer um paralelo com essa relação a partir de Freitas (2017), a qual salienta que o religioso passa a ser mensurado através do sintoma, através da autoridade científica que rege parte da Psicologia, passa a haver uma patologia do viés religioso, o que pode interferir na realidade existencial do mesmo.

Dessa forma, àquilo anteriormente atribuído enquanto uma categoria religiosa passa a ser mensurado psicologicamente enquanto dotadas da ausência de um cientificismo, divergindo e desqualificando as experiências de natureza religiosa. Portanto, a presença de embates com as crenças pode estar relacionado também ao processo de atribuição de um âmbito psíquico àquilo anteriormente de teor teológico.

4.3 TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS E ATITUDES RELIGIOSAS

Tendo em vista a relação entre Sofrimento Psíquico e Atitudes religiosas: os resultados demonstram que quanto maior o grau de atitudes religiosas, menor a prevalência de transtornos mentais comuns, com diferença estatisticamente significativa entre as médias de cada grupo. Sendo a prevalência de sintomatologia psiquiátrica relacionada a um escore de 34,7% de atitudes religiosas, enquanto a ausência da mesma abarca 45,7% conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1. Nível de atitudes religiosas em função da presença de sintomatologia psiquiátrica.

TMC	Atitudes Religiosas		Teste <i>t</i>
	N	Média	
Sem sintomatologia psiquiátrica	33	45,7	$t = 3,566; p = 0,001$
Com sintomatologia psiquiátrica	72	34,3	

Os dados proferidos corroboram com Koenig (2012) na medida em que crenças e práticas religiosas costumam acompanhar uma maior propensão às dimensão do valor, bem como uma maior liberdade frente ao sentido da existencia. Ademais, imergindo no debate, Frankl (2016) elenca a questão da liberdade enquanto característica humana dotada de responsabilidade, norteadas por valores e sentidos, todavia, os mesmos não podem ser vistos de maneira a submeter o homem à prisão subjetiva, e sim auxiliar no processo de transcendência.

Franco (2021) salienta que a espiritualidade transcende quaisquer barreiras na construção de um significado, tendo em vista que a cultura se estabelece enquanto regras quando ligada às representações sociais acerca da dor, a genética não apresenta arcabouço suficiente para lidar com as questões da alma, e mesmo os símbolos do psiquismo aliado à tentativa de explicação por parte da cognição são os suficientes para lidar com as nuances do humano. Em consonância com o autor, Frankl ressalta a busca de sentido enquanto promotora de movimento existencial, todavia, não se pode conceber a idéia de que a ausência de religiosidade irá promover o aparecimento de doenças, uma vez que a mesma se constitui enquanto um fator de enfrentamento e proteção diante das mesmas, não urgindo enquanto uma condição exclusiva e fundamental à saúde mental, e sim, se constituindo enquanto uma relação positiva à descoberta do sentido na vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa identificou associações, tanto no que tange aos transtornos mentais comuns, quando relacionando à variáveis de sexo/gênero, faixa etária e

percepção familiar, quanto em relação às atitudes religiosas, apresentando relações significativas com as variáveis orientação sexual, religião e conflito entre as discussões no curso e suas crenças; Além disso, verificou-se que quanto mais positivas as atitudes religiosas, menores as prevalências de transtornos mentais.

Todavia, urge a necessidade de atenção quanto às nuances decorrentes das instituições religiosas as quais se frequenta, tendo em vista o viés estigmatizante que pode advir de tal relação. Outrossim, é ressaltar que o enfrentamento, atravessando o coping religioso, abarca aspectos para além da mera proteção, é entrar em contato com o sagrado de maneira saudável, divergindo dos aspectos negativos de uma culpabilização advinda de um enfrentamento negativo.

À guisa de conclusões, urge-se o viés de que a fé nasce através da impotência do humano de intelectualizar tudo ao seu redor, bem como não reconhecer as totalidades que o cercam, dessa forma, o processo de transcendência atravessa um viés complexo e inerente à subjetividade do indivíduo. É se lançar à busca de sentido em si mesmo ou no Outro.

Ademais, apesar de amplamente discutidas no que tange ao senso comum, urge-se enquanto necessário pesquisas mais amplas frente à ausência de temáticas que associam diversos dos temas abordados na pesquisa, além da possibilidade da investigação de suas influências quanto ao viés educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**. Portugal, v. 28,n .2 , p.127-131, dez, 2010.

AQUINO, T. A. A. et al. Atitude Religiosa e Sentido da Vida:Um Estudo Correlacional. **Psicologia: ciência e profissão**, vol.29, n.2, pp. 228-243, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, n. 112, p. 59-62.

BENELLI, S. J. **A instituição total como agência de produção de subjetividade nasociedade disciplinar**. Estudos de Psicologia (Campinas), 21(3),237-252, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2003.

CHARLOT, B. Da relação com o saber às práticas educativas. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013

CHIAUI, M. **O que é ideologia**. Brasiliense, 2017

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Resolução CFP Nº 001/99, de 22 de março de 1999**, Brasília, DF: Autor.

CUNHA, L. O sistema nacional de educação e o ensino religioso nas escolas públicas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 124, p. 925-941, 2013.

DUVEEN, G. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ESPERANDIO, M. R. Envelhecimento e Espiritualidade: o Papel do Coping Espiritual/Religioso em Idosos Hospitalizados. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v.23,n. 2, aug. 2019. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/65381>. Acesso em: 10 nov. 2022.

FERRARO, Benedito. Prática pastoral e transformação social. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 19-31, 2007.

FRANCO. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Tradução Victor Hugo Silveira Lapenta. São Paulo: Ideias e letras, 2005.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. 42ª ed. Rio de Janeiro; Vozes, 2017.

FREITAS, M. Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia ereligião/espiritualidade? **Revista Pistis & Práxis**, Curitiba. v. 9, n. 1, p. 89-107, 2017

GONÇALVES, D.M; STEIN, A.T; KAPCZINSKI, F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cad Saude*. Disponível em: [» http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000200017](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000200017)

GUEDES, M. “Pós-modernidade, religião e educação: desafios epistemológicos” **Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades- ANPUH**, (2012)

GUSMÃO, Neusa Maria M... “Desafios da diversidade na escola” In : **Revista Mediações**. V .5,n.2,p.9-28. Londrina. 2000.

HARDING, T. et al. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency

and diagnosis in four developing countries. *Psychol Med.* 1980;10(2):231-41. Disponível em: » <http://dx.doi.org/10.1017/S0033291700043993>

HEFTI, R. Integrando Espiritualidade no Cuidado com a Saúde Mental, Psiquiatria e Psicoterapia (tradução). **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 2, ago. 2019. ISSN 1981- 8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68486>>. Acesso em: 12 jun.2022.

HOLANDA, A; P, K. Religião e espiritualidade no campo da saúde: Questões para a educação superior. **Paralellus**, Recife, v. 11, n. 28, 2020.<https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n28.p619-640>

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura [Versão eletrônica]. **Psicologia & Sociedade**, 16(2), 20-31, 2004, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a04v16n2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

KOENIG, H. G, King D, Carson V. **The handbook of religion and health**. 2nd. ed. New York: Oxford, (2012).

MACHADO, D.C. Religião, cultura e política. **Religião e Sociedade**, 32(2):29-56. 2012.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. **São Paulo:Atlas**, 1999.

MARQUES, L. F. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos Porto-Alegre. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 2, 56-65, 2003.

MATOS, A. S. de. O movimento pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, 2006

MESQUITA, D. T. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, v 28, n. 1, p. 105-114, 2016. doi: 10.1590/1807-03102015v28n1p105»<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>

MICHENER, H. **Psicologia social**. São Paulo: Thomson, (2005)

MONTEIRO, D. Daitx et al . Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 40, n. 98, p. 129-139, jun. 2020 .Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 set. 2022.

MORAES, A; ASSIS, O. A espiritualidade nas ações pedagógicas dos professores. In: **EDUCERE, XI Congresso Nacional de Educação**: PUC-PR, 2013

MOREIRA-ALMEIDA, A; KOENING, H. G. Et al. Religiousness and mental health: a review. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 28(3), 242-250, 2006. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>. Acesso em: 15 ago 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

NEGREIROS, F; ROCHA, J. Escola e adoecimento psicológico: estudo com professores de escolas brasileiras. **Revista Psicologia e Transdisciplinaridade**, v. 1, n. 2, p. 67-86, 2021.

PAIVA, V. A psicologia redescobrirá a sexualidade?. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, pp. 641-651, 2008.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. Patterns of positive and negative religious coping with major life stressors. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 37, n. 4, p. 710-724, 1998. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/1388152.pdf?seq=1#page_scan_t ab_contents. Acesso em: 10 set. 2022

PARGAMENT, K.I. Religion and Coping: The Current State of Knowledge. In: S. Folkman (Ed.), **Oxford library of psychology. The Oxford handbook of stress, health, and coping**. Reino Unido: Oxford University Press, p. 269-288, 2010.

PESTANA, J, G. Breves apontamentos sobre as instituições totais: suas características e funcionamento. **Psicólogo inFormação**, v. 18, n. 18, p. 93-117, 2014.

PINSKY, L et al Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online]. 2010, v.37,n.1 [Acessado 12 Junho 2022] , pp. 12-15. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>

RAIMUNDO, J. Perspectiva fenomenológica das pesquisas brasileiras sobre espiritualidade na educação: uma revisão bibliométrica. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v.10,n.1,p.96-117, jun. 2021. ISSN 2317-3688. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/79694/44005>>. Acesso em: 12 jun.

RIBEIRO, L . RELAÇÕES ENTRE RELIGIOSIDADE E HOMOSSEXUALIDADE EM JOVENS ADULTOS RELIGIOSOS. **Psicologia & Sociedade** [online]. v. 29, 2017. [Acessado 10 Novembro 2022] .Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29162267>>. Epub 07 Dez 2017. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29162267>.

RICAN, P. Spirituality – A story of a concept. **International Psychology of Religion Conference**. Glasgow, Escócia, 2003.

RODRIGUES, A. **Psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, (2001)

SANTOS, J. ESCOLA E INSTITUIÇÃO TOTAL: **Aproximações e distanciamentos na escolarização de crianças**. 2021.

SUNG, J. A luta entre o sagrado e o santo na globalização capitalista: um debate ético-

epistemológico a partir das ciências da religião. **Estudos de Religião**, (2021)

THIENGO, P et al. ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 24, mar. 2019. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/58692>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade, um olhar psicológico. In M. M. AmatuZZi (Org.), **Psicologia e espiritualidade** (pp. 83-107). São Paulo: Paulus, 2005.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.